

## ESTUDO DE CASO

### **Cidades Educadoras e os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica para o país**

O modelo de educação adotado pela Coreia Sul nas últimas décadas tem recebido elogios por profissionais da área e sempre é citado como uma referência para outras nações, inclusive, para o Brasil. Numa pesquisa rápida pela internet é possível encontrar um rol de documentos acerca do assunto e os números, sobretudo do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes – Pisa, mais importante avaliação a nível global sobre “qualidade de educação”, posicionam os coreanos entre os melhores do mundo nesse ramo.

Um dos principais destaques é a valorização dos professores que recebem bons salários para fazer executar suas tarefas. O investimento no setor ocorre principalmente na educação básica e se prolonga nos demais níveis de formação. Já um ponto negativo é a pressão sobre os estudantes para serem os melhores. Isso tem provocado uma espécie de competição, que tem se desdobrado em castigos físicos, depressões e até suicídios quando há falhas e quando eles não atingem bons resultados, ficando abaixo do esperado e decepcionando suas famílias.

O polímata Ivan Illich, em *Sociedade Sem Escolas* (1971), logo nas primeiras linhas, faz dura crítica ao sistema educacional que “escolariza” o aluno, tornando-o num ser que confunde “ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação e diploma com competência”. Illich ainda afirma que no sistema escolar, tal como é praticado, repousa sobre a ilusão de que o aquilo se aprende é resultado de ensino e que a maior parte do conhecimento se dá fora do ambiente escolar, exceto em países ricos onde a escola é lugar de confinamento durante boa parte da vida de uma pessoa.

Para Lucia Malla, cientista que passou um tempo no país coreano, há verdades e também surrealidades sobre esse paradigma asiático e critica veementemente a educação do país que é extremamente tecnológica, que afunila o conhecimento em detrimento instrução mais integral. Para Malla, o estudante coreano não aprende a pensar e racionar, pois o ensino, desde o pré à pós-graduação, se baseia em memorizações e decorebas. Ela deixa claro em

seu artigo que não quer desmerecer a educação coreana, mas alerta para realidade distorcida do mundo que vivemos e que, se for para o Brasil seguir esse modelo, precisam ser levados em consideração os erros apontados pelos próprios coreanos.

Já a nível nacional é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que mede a qualidade do sistema educacional, calculado a partir de dados de aprovação nas escolas e do desempenho dos estudantes no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). O Brasil tem avançado, mas ainda apresenta índices abaixo das metas estipuladas pela maioria dos municípios. O MEC traçou com objetivo para os próximos anos a marca de 6,0 pontos, que seria uma pontuação correspondente aos países da OCDE no Pisa e isso, conforme planejado, ocorreria, em 2021, 2025 e 2028, nos anos iniciais, no ensino fundamental e ensino médio, respectivamente.

Pegando o gancho de outros países, o Brasil deve sim “copiar” exemplos que deram certo, mas é preciso também ser criativo e pensar em medidas próprias que erradiquem, de vez de e a logo prazo, o analfabetismo, que promovam uma educação inclusiva para as áreas urbanas e rurais e que valorizem os profissionais envolvidos. Entretanto, vale a pena refletir sobre o que dizem Illich e Malla: não podemos “escolarizar” e “rivalizar” os alunos nem “ritualizar” o progresso dos níveis de escolaridade, assim como não devemos “castigar”, “obrigar”, “segregar” e “criar” seres não possuam o mínimo de pensamento crítico.

Em 2015, seguindo o que foi preconizado pelo Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), Curaçá, no norte da Bahia, publicou o seu Plano Municipal de Educação (PME 2015-2025). Nele, em consonância com o PNE, é apresentada como meta a universalização do atendimento escolar em tempo integral projetando-se a ampliação da oferta em creches para as crianças de até 5 anos de idade até 2025, dando uma atenção maior a educação infantil. A proposta de uma educação contextualizada com a sua realidade, sobretudo em convivência com o semiárido, apresenta-se como um ponto crucial no plano, o que deveria ser mais claro no PNE, pois ações do tipo preparam os sujeitos para compreender e valorizar o ambiente onde se vive.

Convém destacar que, apesar desse município passar de 2,9 para 4,9 no índice Ideb, superando as metas projetadas nos últimos 13 anos, ele ainda

não é considerado uma cidade educadora, entretanto, no ritmo que vai e em evolução desde 2007, é bem provável que logo se torne em uma. Investimentos na estrutura física das escolas, formação e capacitação continuada e valorização profissional, além do ensino contextualizado colocaram a educação de Curaçá noutro nível.